

Brasil mais perto de um acordo com o FMI

PAULO SOTERO

De Washington

“Por mim, as negociações com o Brasil teriam começado ontem”, disse ontem Michel Camdessus, o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional. Ele afirmou que está pronto a mandar os técnicos do FMI de volta ao Brasil assim que o governo pedir. Ele indicou também que o montante de recursos que o governo obterá em um programa com o FMI dependerá da profundidade do ajustamento econômico que fizer.

“*A bientôt, Monsieur le président*”. “Até breve, sr. presidente”. Demonstrando cordialidade, foi com estas palavras que Camdessus despediu-se ontem à tarde do presidente do Banco Central, Francisco Gros, após o almoço de retribuição oferecido pelo presidente Fernando Collor a uma centenas de convidados, na residência oficial do embaixador do Brasil em Washington. “*A très bientôt*”. “Até muito breve”, respondeu Gros, em francês impecável, com um firme aperto de mão e os olhos nos olhos de Camdessus.

Camdessus e Gros, mais o novo negociador da dívida externa brasileira, Pedro Malan, e o representante do Brasil no FMI, Alexandre Kafka, passaram todo o almoço conversando. No final, o presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, Enrique Iglesias, e o líder do comitê de bancos credores, William R. Rhodes, do Citicorp, juntaram-se a eles e, por um par de minutos, o grupo trocou amabilidades. “Então, já está feito o acordo?”, provocou um jornalista. Todos riram.

Obviamente, não havia nem poderia haver acordo. Mas ocorreu algo significativo. “As conversas não serão fáceis, mas creio que não há mais nenhuma dúvida sobre o desejo e o empenho de todas as partes em chegar a um entendimento”, disse depois um dos par-

ticipantes da roda. De fato, é provável que o clima para a normalização das relações entre o Brasil e a comunidade financeira internacional tenha melhorado mais ontem do que nos primeiros 15 meses do governo Collor.

O próprio presidente Collor tomou a iniciativa de desarmar os espíritos, cumprimentando efusivamente Rhodes. “Como vai o senhor? É um prazer revê-lo”, disse Collor. Variações da mesma cena, impensáveis nos tempos carrancudos da ministra Zélia Cardoso de Mello, repetiram-se várias vezes durante o almoço. Gros conversou animadamente com Rhodes

antes do almoço, durante meia hora, sobre as idéias que Rhodes trocara na véspera numa reunião com Pedro Malan.

Os bancos preferem, naturalmente, que o País promova um programa ampliado, pelo qual poderiam receber perto de US\$ 6 bilhões em três anos. Esse pagamento permitiria ao Brasil financiar instrumentos de garantia que podem ser oferecidos aos credores sob um acordo de redução da dívida. É incerto, no entanto, que esta opção esteja disponível. Refletindo uma visão realista das dificuldades políticas e financeiras que a nova equipe econômica terá.

nos próximos meses, para manter um programa de estabilização, uma fonte categorizada do governo americano disse ontem à **Agência Estado** que “o acordo com Fundo é a parte mais complicada do pacote todo”.

Daí a importância do apoio político dos EUA para a negociação de um programa com o FMI. Este deve ser o tema central da conversa que o presidente Collor e o ministro da Economia, Márcio Marques, terão hoje com o secretário do Tesouro, Nicholas Brady, com o subsecretário David Mulford, e com o presidente do Banco Central, Alan Greenspan.



AP/Arquivo

Michel Camdessus (à dir.), do FMI, com Barber Conable, do Banco Mundial: negociações recomeçam assim que o Brasil pedir.